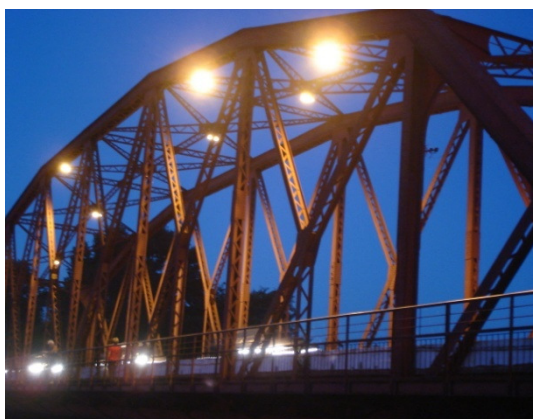


Mogi Guaçu, o rio Grande das Cobras



Bartolomeu Bueno da Silva, o primeiro “Anhanguera”, na segunda metade do século XVII, abriu a primeira trilha a cortar esta região, em busca de ouro em Goiás: a conhecida estrada dos Goiases, ou caminho dos Batatais, ou estrada de Anhanguera. Ao longo dessa e de outras “Estradas”, surgiram inúmeros pousos e povoados, que serviam de dormida, e abastecimento às bandeiras, tropeiros, e mineradores. Havia nessa época dois caminhos que ligavam o litoral ao interior do país, um vinha do Rio de Janeiro subia a Serra da Mantiqueira e, atingindo a divisa entrava no Estado de São Paulo, o outro, partindo do Planalto de Piratininga, passava por Jundiaí, Atibaia, Mogi Mirim, Mogi Guaçu, Casa Branca, atravessava o Rio Grande para, através de Minas, atingir Goiás. Assim, no cruzamento entre essa estrada e o Rio Grande das Cobras, nasceu o povoado de Mogi Guaçu, no contexto que se conheceu como “ciclo do Muar”, dada a importância das tropas de burros como meio de integração entre os vários centros urbanos até cerca de 1870.

O Historiador Milliet de Saint-Adolphe, editor de um “Dicionário Geográfico, Descritivo e Histórico do Império do Brasil”, em seu Tomo 11, diz: “Mogi Guaçu, (é) povoação antiquíssima, da Província de São Paulo, ao norte do Distrito de Moji-Mirim, a 45 léguas da Cidade de São Paulo na margem direita do rio que lhe emprestou o nome e, no local onde passa a estrada de Goiás. Seus moradores cultivam víveres, criam bois e porcos que levam a vender nas feiras. Essa freguezia é provida de excelente pescado que lhe fornece o rio Mogi”.

Ao final do século XVIII, os paulistas deixaram de se aventurar no sertão, voltando-se assim todos para a agricultura e o sedentarismo. Após 1850, com a crise do ouro em Minas, seus habitantes em grande número emigraram para a região, para

compor as equipes das lavouras de café. Por essa época, também por aqui chegavam foragidos da Guerra do Paraguai, e, na seqüência a imigração Italiana, especialmente para o café, completam a população do início do Século XX.

A Crise do Café de 1929, atingiu pesadamente a região, conquanto, o café era trabalhado como monocultura por aqui. Até os anos 50, a crise econômica se reflete na crise populacional. Mas exatamente a partir da década de 1950, inicia-se um surto industrial na área de cerâmicas, trazidas segundo consta, pelo famoso Padre Armani, que aqui identifica um tipo especial de argila, conhecida por “Taguá”, e como na Itália a sua família já trabalhava com este material mandou vir com seus irmãos e depois, com sua família, maquinário para transformar essa argila em telhas, e depois em manilhas, que foram um sucesso nos anos 60, 70 até início dos anos 80. Nesse período a cidade se torna a Capital Cerâmica do Brasil, produzindo telhas francesas e manilhas para todas as finalidades especialmente tubulações de esgoto com as marcas da Cerâmica Mogi Guaçu, fundada pelo Padre Armani, Cerâmica Taguá, Santo Antonio, e a mais famosa e poderosa Cerâmica Martini, fundada por um sobrinho do Padre Armani. A decadência desta indústria deveu-se entre outros motivos à concorrência com outros materiais, especialmente derivados da indústria petroquímica, como PVC, para soluções de encanamentos, sendo que em 1984, a última das grandes indústrias abre falência: a Cerâmica Martini, para grande tristeza da população local, até hoje. Mas remanescentes dessa era ainda têm influência nacional, e internacional no ramo das cerâmicas e pisos, como a Cerâmica Chiarelli, ou a Cerâmica Ypê, ou ainda a Cerâmica Gerbi, ratificando a tradição ceramista da cidade. A partir dos anos 60, com a instalação da fábrica de papel e celulose, Champion (Papel Chamex®, reflorestamento no estado do Amapá), atualmente comprada pela multinacional International Paper; Refinações de Milho Brasil (Maizena®, Óleo Mazola®); Mahle – Metal Leve (fabrico e usinagem de pistões, para todos os tipos de motor e kits de automóveis), e outras que dão suporte a estes empreendimentos, alavancam de forma mais definitiva e estável a industrialização do município. Adicionalmente, não se esquece por aqui da agricultura sendo esta cidade uma das principais produtoras atuais de tomate, e laranja do estado, bem como cana-de-açúcar para usinas de álcool, no vizinho município de Itapira.

É nesse contexto, de industrialização que, desde os anos 60, se estabelece na cidade o atendimento médico dentro de conceitos de excelência até pioneiros para a época, com a vinda de médicos com sólida formação científica e humanitária como o saudoso Dr. “Guga” (Tabajara Ramos) e seu irmão, na ativa até hoje, cirurgião com

habilidade diferenciada : o Dr. Marajoara Ramos. Filhos da terra e saídos da Faculdade de Medicina da Praia Vermelha no Rio de Janeiro, passaram a inspirar os que já estavam, como Dr. Lima. Dr. Cardoso, Dr. Waldomiro e outros; e com o tempo incentivaram a boa formação de outros da própria cidade, ou importavam talentos médicos, jovens, nas várias e recém surgidas especialidades médicas, formando um corpo clínico com alto poder de resolutividade e eficiência. Pode se notar inclusive um já tradicional “turismo de saúde”, para resolução de casos mais difíceis, com pessoas se deslocando de municípios vizinhos em busca de tratamento, nas especialidades médicas da Santa Casa. Com a vinda dos especialistas e o acréscimo natural da população, e o inevitável surgimento dos planos de saúde houve a possibilidade de criarem-se mais dois hospitais à já quase centenária Santa Casa. Existem aqui, ainda, as condições para a tão sonhada interiorização do médico, especialmente os que se habilitam em atividades não exercidas por aqui. A Neurocirurgia não poderia, e realmente não fica para trás nesse ritmo sempre inovador tentando solucionar todos os problemas neurocirúrgicos de forma integrada, entre seus participantes, sendo uma das especialidades mais respeitadas pelos próprios médicos locais, e população em geral, oferecendo serviços de qualidade para o paciente do S.U.S. , convênios, ou particulares. Assim na terra do Rio Grande das Cobras recebemos, A Equipe da Neurocirurgia, a APM Regional de Mogi Guaçu, e a Unimed Regional da Baixa Mogiana, com orgulho a Caravana da Sonesp, pretendendo mantê-la em nosso calendário anual, para melhor divulgação do que aqui se faz, considerando a visibilidade, e a importância da Associação dos Neurocirurgiões do Estado de São Paulo, no contexto da especialidade.

Mogi Guaçu, os Números, dados do Censo de 2000:

- [População Total](#): 124.228
 - Urbana: 116.184
 - Rural: 8.044
 - Homens: 62.410
 - Mulheres: 61.818
- [Densidade demográfica](#) (hab./km²): 152,78
- [Mortalidade infantil](#) até 1 ano (por mil): 12,75
- [Expectativa de vida](#) (anos): 72,98
- [Taxa de fecundidade](#) (filhos por mulher): 1,99
- [Taxa de Alfabetização](#): 92,88%
- [Índice de Desenvolvimento Humano](#) (IDH-M): 0,813
 - IDH-M Renda: 0,752
 - IDH-M Longevidade: 0,800
 - IDH-M Educação: 0,886

- Estimativa do IBGE em 2 de agosto de 2006 é de 141.559 habitantes
- crescimento anual - 2,03% / densidade demográfica - 152,66 hab/km²

- eleitores – 95.695 (área urbana e rural)

Bibliografia :

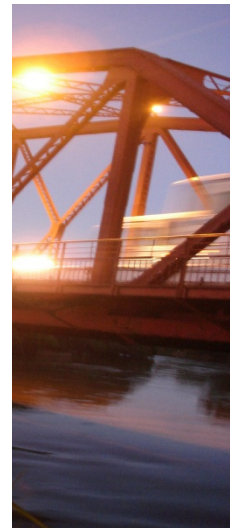
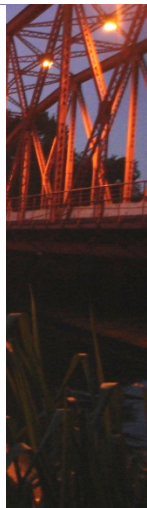
Mogi Guaçu, breve relato histórico, Augusto César Bueno Legaspe, 4a. Edição 1993

Aroldo de Azevedo, Brasil – A Terra e o Homem

<http://www.mogiguacu.sp.gov.br/>



A Igreja de Nossa Senhora da Conceição, onde se inicia o povoado em cerca de 1710



Rio Mogi Guaçu e a Ponte de Ferro trazida da Inglaterra, - anos 30.



O padre Armani : introdutor da Indústrialização no município.





Os Hospitais de Mogi Guaçu onde se exerce a Neurocirurgia : Santa Casa e Hospital São Francisco



Represa no Rio Mogi Guaçu, com gerador es em operação parcial.